

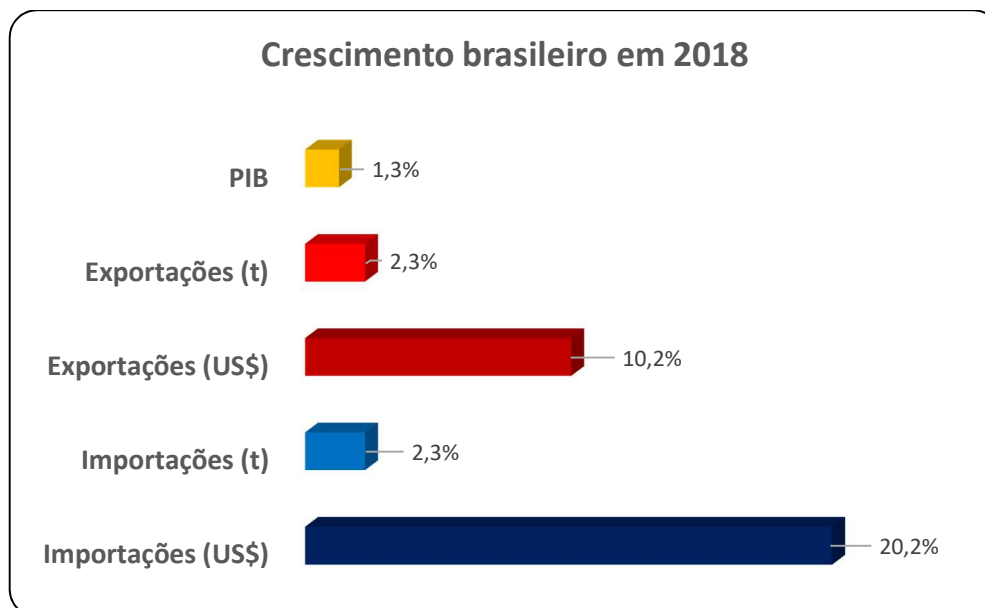
COMÉRCIO EXTERIOR CRESCE ACIMA DO PIB BRASILEIRO

Em dezembro do ano passado, o Banco Central refez a estimativa para o PIB brasileiro de 2018 reduzindo de 1,32% para 1,3% de crescimento da economia. O PIB é a soma de todos os bens e serviços produzidos no país e serve para medir a evolução da economia.

Inserido neste contexto positivo, também houve resultados favoráveis na balança comercial nacional. Em 2018, a balança comercial (exportações menos importações) obteve um superávit de US\$ 58,7 bilhões.

Este saldo foi alcançado através de um aumento tanto das importações, quanto das exportações brasileiras.

As importações subiram 20,2%, saltando de 150,7 bilhões de dólares – em 2017 – para 181,2 bilhões no ano passado. O incremento de um ano para outro foi de 30,5 bilhões de dólares.



Fonte: Comexstat-MDIC

Por sua vez, as exportações também melhoraram sua performance, crescendo 10,2% em 1 ano. Em 2017, as mercadorias exportadas somaram 217,7 bilhões de dólares e no ano passado este montante foi para US\$ 239,9 bilhões. Em 12 meses houve um ganho de 22,2 bilhões de dólares em produtos enviados ao exterior.

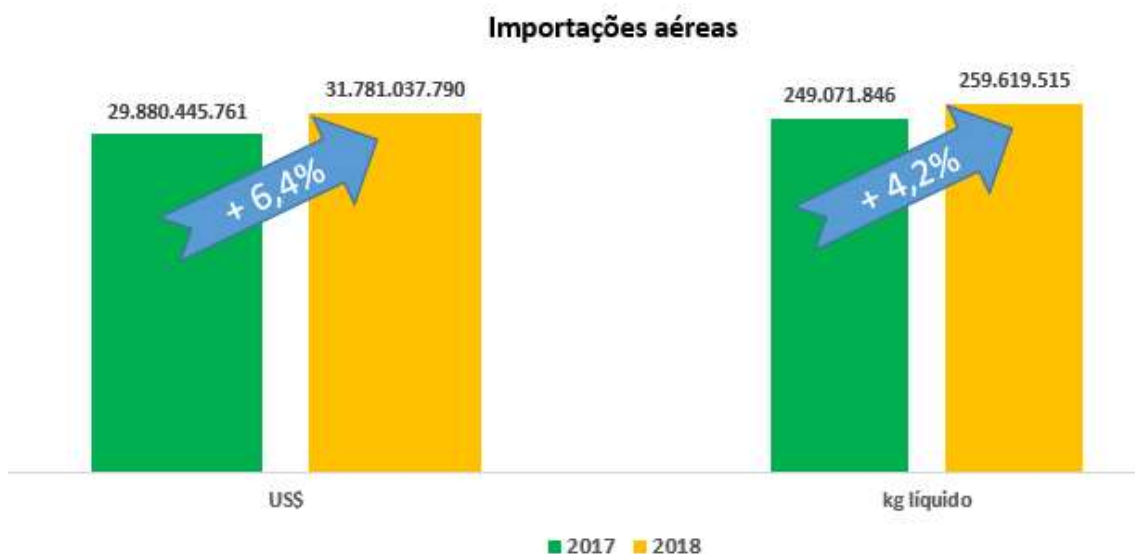
Além da alavancagem monetária, também houve um maior movimento na tonelage do comércio exterior do Brasil, tanto nas importações, como nas exportações. A tonelage importada cresceu 2,3%, saltando de 147,9 milhões de toneladas para 151,4 (acrécimo de

4,5 milhões); já o peso líquido das exportações também subiu, indo de 691,9 milhões de toneladas para 708,1 milhões (mais 16,2 milhões).

Quando comparamos o desempenho obtido pelo comércio exterior brasileiro com os números de crescimento do PIB, percebemos que o primeiro é muito mais volátil às ondas econômicas justamente por tratar de diversos insumos e matérias-primas que abastecem a indústria.

O segmento aéreo de importações

O movimento das importações aéreas também oscilou positivamente entre 2017 e 2018. O peso líquido aumentou em 4,2% indo de 249,1 mil toneladas para 259,6 mil e alcançando um incremento de 10,5 mil toneladas no ano. Pelo viés monetário o comparativo é ainda melhor: em 2017 as importações aéreas trouxeram um montante de 29,9 bilhões de dólares em mercadorias ao país e – em 2018 – o valor subiu para 31,8 bilhões. O acréscimo de 1,9 bilhão de dólares aumentou em 6,4% o movimento sobre o período anterior.



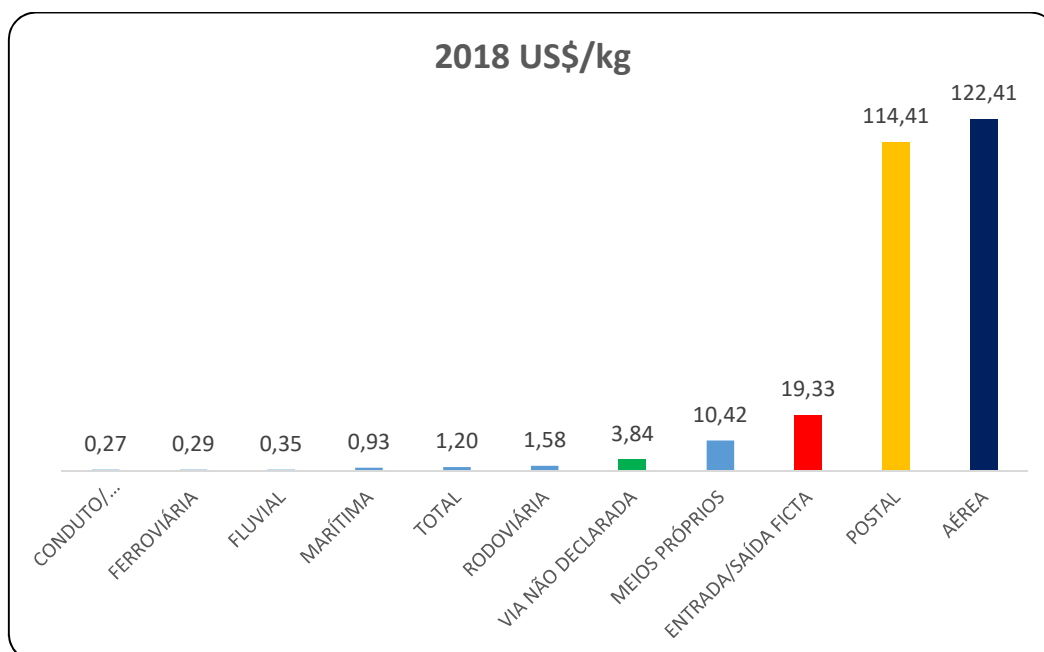
Fonte: Comexstat-MDIC

A relação dólar/kg das importações totais em 2018 foi maior do que o apresentado em 2017; no ano passado cada quilo importado custou – em média – 1,2 dólar, enquanto há dois anos este índice foi de 1,02 US\$/kg (+ 17,5%). Este avanço indica que foram trazidos produtos e insumos mais caros do que no ano anterior, justamente por conta dos valores monetários terem subido 6,4% e o peso, 4,2%; o crescimento maior dos preços sobre a tonelage representa a entrada de produtos de maior valor agregado em nosso país.

IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS 2017-2018			
Via	2018 US\$/kg	2017 US\$/kg	% 18/17
AÉREA	122,41	119,97	2,04%
CONDUTO/ REDE DE TRANSMISSÃO	0,27	0,21	23,95%
ENTRADA/SAÍDA FICTA	19,33	13,53	42,85%
FERROVIÁRIA	0,29	0,20	42,51%
FLUVIAL	0,35	0,54	-35,02%
MARÍTIMA	0,93	0,82	13,56%
MEIOS PRÓPRIOS	10,42	8,19	27,31%
POSTAL	114,41	38,10	200,26%
RODOVIÁRIA	1,58	1,51	4,97%
VIA NÃO DECLARADA	3,84	0,55	602,36%
TOTAL	1,20	1,02	17,47%

Fonte: Comexstat-MDIC

Quando olhamos apenas o segmento aéreo, em 2018, notamos que suas importações custaram – em média – 122,41 dólares/kg, um desempenho 100 vezes acima da média geral das importações totais (122,41 x 1,20). O setor aéreo também foi aquele com a melhor relação US\$/kg, estando à frente até mesmo das encomendas postais (122,41 x 114,41); este resultado aponta que as importações aéreas trazem produtos mais valiosos, com necessidade mais urgente e com maior valor agregado do que as mercadorias postais. As quatro piores relações entre US\$/kg foram: conduto/rede de transmissão; ferroviária; fluvial; marítima; todas estas vias trouxeram produtos – que na média – valem menos de 1 dólar por quilograma.



Fonte: Comexstat-MDIC

Perspectivas para 2019

Os anúncios e informações divulgadas pela nova equipe econômica federal indicam que haverá maior abertura econômica e comercial. Estas ações também darão maior dinâmica aos setores exportadores e importadores, e quando – somadas a acordos bilaterais e setoriais – permitirão um aquecimento do comércio exterior brasileiro, movimentando a economia e fomentando a indústria, o comércio e a prestação de serviços.

De acordo com o Ministro da Economia, Paulo Guedes, a Secretaria de Competitividade e Produtividade entrará no lugar do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Também será criada a Secretaria de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais, que deve incorporar a Agência de Promoção das Exportações (ApexBrasil). Outro ponto positivo é a abertura comercial pretendida pelo Ministro da Economia que prevê a redução unilateral de tarifas de importação de bens de capital, configurando uma chance de investidores importarem máquinas para adequar linhas de produção à manufatura inteligente.

Em seu relatório comercial do 3º quadrimestre/2018, a Maersk Line, líder mundial no transporte de contêineres, também há ânimo e otimismo para 2019. De acordo com o diretor de Trade e Marketing, Matias Concha, projeta-se um crescimento de dois dígitos nas importações no segundo semestre de 2019.

A partir do meio de 2017, houve uma recuperação do volume de cargas pelo Brasil já demonstrando uma maior confiança e segurança dos empresários e investidores. O Brasil é um país que depende da importação de vários bens de consumo e, com a melhora esperada da economia, a tendência é de manutenção da ascendência da curva de desempenho do mercado para os próximos anos.

Aqui é importante lembrar que a balança comercial é superavitária por conta – basicamente – do agronegócio. E é justamente a nossa maior força de exportação – o agronegócio – que pode ser também uma fraqueza por serem produtos com baixíssimo valor agregado, poucos diferenciais de mercado e grandes concorrentes; diante disso, é indicado um maior investimento em bens calcados em inovação e tecnologia de ponta que apresentam alto valor agregado, elevado lucro e possuem menor número de competidores.

Segundo o FMI, o Brasil teve a 9ª maior economia do mundo em 2018 e – mesmo estando nesta posição de destaque – movimenta apenas cerca de 1% do comércio exterior mundial. Fatia muito inexpressiva levando-se em consideração a pujança econômica, geográfica e mercadológica brasileira.

Portanto há muito campo para expansão, ainda mais diante das perspectivas de crescimento da economia global que – segundo o Banco Mundial – deve crescer 2,9% em 2019, mais 2,8% em 2020 e outros 2,8% em 2021.